

A RELAÇÃO ENTRE MODALIDADES, LÍNGUAS E CULTURA NA VERSÃO DE MACUNAÍMA PARA O FRANCÊS

*Adriana Zavaglia**

RESUMO: A partir de um corpus extraído de *Macunaíma*, de Mário de Andrade, e de sua tradução para o francês, *Macounaïma*, de Jacques Thiériot, este artigo tem como escopo observar, com o auxílio do modelo de Aubert (1998), como os argumentos estratégicos discursivos do tradutor classificados em modalidades marcam o distanciamento ou a aproximação linguístico-cultural entre o original e a tradução.

UNITERMOS: línguas; cultura; modalidades de tradução; francês; português.

RÉSUMÉ: *A partir d'un corpus tiré de Macunaïma, de Mário de Andrade, et de sa traduction en français, Macounaïma, de Jacques Thiériot, ce travail a pour objet d'observer, à l'aide du modèle de Aubert (1998), comment les arguments stratégiques discursifs du traducteur classés par modalités marquent la distance ou le rapprochement linguistico-culturel entre l'original et sa traduction.*

MOTS-CLÉS: *langues; culture; modalités de traduction; français; portugais.*

1. Introdução

A atuação do tradutor como mediador dos mecanismos interculturais escritos ou orais tem sido requerida em âmbitos diversos: em casamentos entre cônjuges de nacionalidades dis-

* Bolsista FAPESP de pós-doutorado (proc. 02/13435-0) junto ao Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia (CITRAT) da Universidade de São Paulo – USP.

tintas, em conferências entre chefes de diferentes Estados, no processo de publicação de artigos de jornal ou *best-sellers* escritos originalmente em idioma estrangeiro, em legendagem de filmes e, dentre outros, até mesmo na redação de bulas de remédios importados. Muitas vezes, o resultado dessa mediação, que é a própria tradução, estabelece relações diversas de identidade entre os leitores ou ouvintes das duas línguas e culturas envolvidas. No que concerne à produção literária, o papel interpretado pela tradução é fundamental na construção dessa relação de identidade. Segundo Venuti (2002, p. 131):

Ao mesmo tempo em que a tradução constrói uma representação doméstica para um texto ou cultura estrangeiros, ela também constrói um sujeito doméstico, uma posição de inteligibilidade que também é uma posição ideológica, informada pelos códigos e cânones, interesses e agendas de certos grupos sociais domésticos.

A relação de identidade que a tradução de obras literárias estabelece pode ser construída, segundo o autor (Venuti, 2002), a partir da escolha das obras a serem traduzidas e a partir das estratégias discursivas do tradutor. Depende dessa relação a maneira pela qual a diferença intercultural ou a presença do outro será sentida na cultura de chegada, uma vez que a diferença pode ser mantida, realçada ou diminuída.

As causas que norteiam o processo de eleição da obra original são diversas, mas quase sempre estão atreladas à relação de poder e fascínio existente entre as nações tradutora e traduzida. Não é de espantar, assim, que obras brasileiras de cunho indigenista, regionalista ou sensualista tenham sido repetidas vezes alvo de traduções na França no século XX. Mesmo que não entremos nos detalhes dessa questão neste artigo, vale notar que a França tentou recentemente, com o evento “O Ano do Brasil na França”, modificar, entre outras coisas, a sua leitura do Brasil por uma política editorial mais abrangente, iniciada anos antes com o *boom* na vendagem dos livros de Paulo Coelho, com traduções para o francês de obras recentes de jovens autores, como os policiais de Patricia Melo, por exemplo, o que ampliou significativamente o alcance do olhar francês sobre o Brasil.

Os mecanismos discursivos da tradução, também responsáveis pelo estabelecimento da relação de identidade entre as nações tradutora e traduzida, podem ser analisados de dois pontos de vista: diacrônico e sincrônico. Do primeiro, as pesquisas sobre as retraduições são um exemplo bastante interessante de análise da construção da representação do outro, já que interpretam o original sob ângulos espaço-temporais diferentes.¹ No entanto, os intervalos entre a primeira e a segunda tradução nem sempre significam que as relações de identidade construídas entre as culturas envolvidas serão distintas. Torres (2003), por exemplo, analisa duas traduções de *O Guarani* para o francês, uma de 1902, de L. Xavier de Ricard, e outra de 1947, de Vasco de Lacerda, que também é uma adaptação, chegando à conclusão de que, apesar das diferentes estratégias adotadas pelos tradutores, ambas as obras naturalizam o texto de José de Alencar em francês, já que os aspectos atinentes ao nascimento da língua portuguesa do Brasil no momento histórico da obra, mostrados por Alencar pelo novo estilo que impõe ao romance, pela maneira de falar dos personagens indígenas ou pelo vocabulário tupi explicitado em notas, são classicizados nas duas traduções para o francês. Vejamos dois exemplos de palavras tupis aventados pela autora na discussão proposta em seu artigo:

Torres (2003, p. 242-244)		
Original	Tradução de 1902	Tradução de 1947
Corda de <i>ticum</i> * [com nota]	Corde de <i>ticum</i> [sem nota]	Corde solide [sem nota]
Como os olhos da irara* [com nota]	Comme celles de l'hirara (chat sauvage) [sem nota]	Comme celle d'un chat sauvage [sem nota]

Considerando o contexto lingüístico-cultural do original, as lexias em tupi soariam estranhas até mesmo para os brasileiros. Por esse motivo, José de Alencar faz uso de notas de rodapé que não são traduzidas pelos dois tradutores. A omissão dessas

¹ Nesse sentido, é mister observar que a escolha do texto traduzido que será reeditado ou do texto original que será retraduzido assume também um lugar no rol de causas para o estabelecimento da relação de identidade entre nação tradutora e traduzida.

notas explica esses casos, segundo a autora (Torres, 2003: 243-244), como naturalizações da obra brasileira em francês ou como traduções etnocêntricas nos termos de Berman (1985). As estratégias de tradução, porém, são diferentes: o tradutor de 1902 empresta *ticum* mantendo a *lexia* em itálico e decalca, com explicitação, *irara*; o tradutor de 1947, por sua vez, opta pela explicitação simples.

Observando mais de perto esses dois casos, percebemos que, embora as notas tenham sido suprimidas pelo tradutor de 1902, essa tradução introduz, de forma a mantê-la ou a aumentá-la, uma certa distância do original por fazer uso justamente de empréstimos e decalques. Já a tradução de 1947, por suas explicitações, parece diminuir, embora mais distante espaço-temporalmente que a primeira tradução, os espaços entre ela e o original. Do ponto de vista da retradução, essa constatação parece ser, por si só, contraditória, já que, segundo Bensimon (*apud* Torres, 2003), espera-se que as primeiras traduções sejam naturalizadoras na sua introdução da obra estrangeira no contexto lingüístico-cultural da obra traduzida e as retraduições, propagadoras dos exotismos presentes no original. Ora, o que se verifica nos exemplos acima é exatamente o contrário: enquanto a primeira tradução exotiza o original pelo empréstimo e o decalque, a segunda o neutraliza pelas explicitações.²

Deixando de lado o aspecto diacrônico e observando as relações acima aventadas do ponto de vista lingüístico e sincrônico com o auxílio do modelo de Aubert (1998), propomos neste artigo observar como algumas modalidades marcam o distanciamento ou a aproximação entre original e tradução. Para tal, tratamos minimamente sob o olhar das modalidades tradutórias

² Aqui cabe notar que há uma relação sobreposta do ponto de vista cultural entre dois diferentes olhares: o olhar do leitor da tradução (nesse caso, francófono) não coincide com o olhar do analista (lusófono brasileiro). Se a direção tradutória fosse outra, do francês para o português, o olhar do leitor da tradução coincidiria com o do analista. Ainda que o romance remeta a algo de exótico até mesmo para brasileiros, vale ressaltar que em nossa análise de *Macunaíma*, que trata a relação entre os textos pela direção tradutória do português para o francês, o que chamamos de exotismo ou de neutralização passa necessariamente por essa sobreposição de olhares.

um corpus de 2.000 ocorrências extraído de *Macunaíma*, obra que também opera, como a de Alencar (Torres, 2003), no universo da formação da língua, da cultura e da literatura brasileiras. Como contraponto para a análise quantitativa, consideraremos as classificações de *Sagarana* já efetuadas e analisadas especialmente em Aubert & Zavaglia (2003). Cumpre ainda notar que as traduções para o francês das duas obras acima citadas foram realizadas por um mesmo tradutor, Jacques Thiériot.

2. Modalidades tradutórias

Através do modelo de Aubert (1998), pode-se entrever tecnicamente a *diferenciação lingüística*, quantitativa e qualitativa, entre um texto-fonte e um texto-meta, e pode-se abordar, a partir dos resultados, fatores e aspectos culturais na relação entre esses textos. Para proceder à análise quantitativa, passamos pelas seguintes etapas: elaboração de um corpus de 2.000 palavras extraídas de *Macunaíma*; alinhamento eletrônico dos trechos em português com as suas traduções em francês; análise de cada uma das ocorrências pelas modalidades; contagem das modalidades em porcentagem; contraste com os resultados obtidos a partir das análises efetuadas sobre 2.000 ocorrências extraídas de *Sagarana*, contraponto daquela; observação de suas distribuições relativas. Em seguida, partimos para a interpretação qualitativa dos resultados da análise quantitativa de *Macunaíma*, através da qual: fizemos um exame das modalidades na direção de um contraste lingüístico-cultural em separado entre as relações português/francês; abordamos a diferenciação lingüística contrastando as relações dos resultados colhidos anteriormente, considerando a predominância de uma ou outra modalidade.³

Para iniciar a análise segundo Aubert (1998), consideraremos o quadro abaixo, no qual se percebem de antemão, numa leitura horizontal, diferenças notáveis entre a distribuição por modalidades de um e outro texto, principalmente com relação

³ Para mais detalhes sobre as modalidades, remetemos o leitor a Aubert (1998); sobre as modalidades e a relação entre *Sagarana* e sua tradução para o francês, a Aubert & Zavaglia (2003).

ao decalque, à tradução literal e à modulação, ainda que seja um mesmo tradutor aquele que traduz as duas obras para o francês:

MODALIDADE		SAGARANA		MACUNAÍMA		TOTAL GERAL	
Código	Nome	N	%	N	%	N	%
0	Omissão	7	0,35	8	0,4	15	0,375
1	Transcrição	2	0,1	0	0	2	0,05
2	Empréstimo	53	2,65	47	2,35	100	2,5
3	Decalque	7	0,35	61	3,05	68	1,7
4	Trad. Literal	1.003	50,15	775	38,75	1.778	44,45
5	Transposição	427	21,35	404	20,2	831	20,775
6a	Explicitação	9	0,45	33	1,65	42	1,05
6b	Implicitação	8	0,4	59	2,95	67	1,675
7	Modulação	453	22,65	563	28,15	1.016	25,4
8	Adaptação	28	1,4	42	2,1	70	1,75
9	Erro	3	0,15	8	0,4	11	0,275
<i>Total</i>		2.000	100	2.000	100	4.000	100

Com relação à omissão, os resultados são praticamente os mesmos: 7 ocorrências nos trechos analisados de *Sagarana* e 8 nos de *Macunaíma*. Os casos de omissão encontrados em *Macunaíma* dizem respeito a questões que poderíamos denominar de estilísticas, e não à evitação de redundâncias, o que é muito comum quando da atualização dessa modalidade. Vejamos alguns exemplos extraídos de *Macunaíma* (1978) e *Macounaíma* (1996):

- (1) (a) Andou banzando banzando... (p. 93)
(b) Il bada baguenauda...(p. 159)
- (2) (a) ... capote de folha de banana-figo... (p. 103)
(b) ...capot de feuille de bananier... (p. 176)
- (3) (a) Dizem que um professor naturalmente alemão andou falando por aí por causa da perna só da Ursa Maior que ela é o saci... (p. 133)
(b) On dit qu'un professeur (allemand naturellement) répandit l'opinion que cette Grande Ourse qui n'avait qu'une jambe ne pouvait être que le Saci... (p. 222)

Em (1a), o narrador enfatiza uma determinada ação por sua intensidade espaço-temporal através da duplicação do verbo no gerúndio, imprimindo à seqüência, pelo ritmo prosódico, o

próprio ritmo do pensar (“banzar”); em (1b), omite-se a ação na qual recairia a intensidade, o pensar, e transfere-se o ritmo verificado em (1a) para a intensidade da ação de andar pelo jogo dos sons com a inclusão de *bada* (*baguenauder* ~ *flâner*). Em (2a), por sua vez, há uma especificação do tipo de folha de bananeira através da qualificação de “banana” por “figo”: não se trata, desse modo, de uma folha de bananeira qualquer, mas sim de uma folha de banana-figo. A omissão dessa qualificação em francês conduz à generalização ou, em outras palavras, a uma folha de bananeira qualquer. Já em (3a), a locução “por causa de” indica uma relação de causalidade entre “Ursa Maior ter perna só”, “professor falar que” e “ela ser saci”, cuja omissão em (3b) é estilisticamente rearranjada pela restritiva *qui n’avait qu’une jambe*, a qual de forma alguma reconstrói a relação de causalidade. Enquanto em (3a) o fato de a Ursa Maior ter uma perna só é a causa de o professor falar por aí que ela é o saci, em (3b) ter uma perna só é apenas uma qualificação da Ursa Maior, e não a causa de o professor dizer que ela é o saci, o que, em última instância, se houvesse alguma conjunção que o indicasse no texto em francês, poderia ser visto apenas como uma relação de inferência (por exemplo, *donc* em: ... ne pouvait *donc* être que le saci).

Os casos de transcrição em *Macunaíma* são nulos, o que já era esperado, já que o teor de brasilidade dado a essa obra por seu autor é cuidadosamente trabalhado. Colocado em paralelo com os números de *Sagarana*, esse resultado confirma a expectativa: salvo casos em que são utilizadas palavras ou expressões provenientes de uma terceira língua, a ocorrência dessa modalidade costuma ser baixa ou nula em textos literários.

As ocorrências de empréstimos são similares em ambas as obras, porém não muito significativas: 2,65% em *Sagarana* e 2,35% em *Macunaíma*. Os empréstimos verificados na rapsódia andradiana referem-se a reproduções de nomes próprios, antropônimos ou topônimos, como Maanape, Cambgique, Manaus, Conte Verde, Rio Grande, São Paulo, Icamiaba, Copacabana, Venceslau Pietro Pietra, Jiguê, e também a especificidades da cultura brasileira, sejam elas ideológicas (saci, pajelança), sociais (jongo, icamiabas), ecológicas (sará, jacaré, acará,

mandi) ou materiais (mil-réis, contos, taba). A sua pouca frequência, no entanto, não deixa de ser surpreendente, uma vez que obras culturalmente marcadas tendem a ter emprestadas várias de suas lexias no processo de tradução para outras línguas. No caso específico de *Macunaíma*, tal estratégia foi substituída muitas vezes pelo decalque ou pela modulação.⁴

A relação horizontal de ocorrências de decalque nas duas obras mostra-se extremamente divergente: enquanto *Sagarana* apresenta apenas 7 decalques (0,35%), *Macunaíma* contém expressivas 61 ocorrências decalcadas (3,05%). Das 61 ocorrências, 22 são distintas; se não considerássemos as repetições, ainda assim os segmentos analisados de *Macunaíma* possuiriam o triplo do número de ocorrências decalcadas em *Sagarana*. Dessas 22 ocorrências, 1 repete-se pelo menos 30 vezes: *Macunaíma*, a personagem que dá nome à obra. Não é de espantar, portanto, que o número de decalques seja mais elevado que o de empréstimos, já que o tradutor optou por traduzir *Macunaíma* pela estratégia da adaptação gráfico-morfológica: *Macounaíma*. As ocorrências decalcadas são em sua maioria, como no caso do empréstimo, antropônimos (personagens: *Macunaíma* / *Macounaíma*; entidades: *Ogã* / *Ogan*, *Exu* / *Échou*) e topônimos (*Anhangabaú* / *Aniangabaou*; *Roraima* / *Roraíma*; *Araguaia* / *Aragouaia*); há também alguns casos envolvendo termos que consideramos culturalmente marcados, ou seja, específicos da cultura brasileira (como “muiraquitã” e *mouïraquitan*; “surubim” e *souroubim*; “aviú” e *aviou*; “piracanjuba” e *piracanjouba*).

Os números de ocorrências de tradução literal também são, assim como os de decalque, diferentes de uma obra para outra: em *Sagarana*, essa modalidade atingiu mais de 50% do total analisado, com 1.003 ocorrências; em *Macunaíma*, foram computadas 775 ocorrências ou 38,75%. Apesar dessas distâncias, e embora o português e o francês apresentem agenciamentos

⁴ Na remodelagem de seu modelo, Aubert (2006) trata o empréstimo e o decalque como duas estratégias pertencentes a uma mesma grande classe de modalidades, o espelhamento. Visto por esse prisma, o alto número de decalques observado em nossa análise seria condizente com as expectativas do modelo.

lingüísticos significativamente distintos (como por exemplo na negação, na presença ou ausência de sujeito e na determinação, que implicam quase sempre uma transposição), as similaridades entre essas duas línguas são mais sobressalentes. Desse modo, a maior utilização dessa estratégia é também um resultado da relação tipológica das línguas em questão. Por esse motivo, a sua ocorrência não se limita, como nos casos anteriores, a uma ou outra classe, mas estende-se do nome próprio aos substantivos comuns, aos adjetivos, às preposições, às conjunções, aos pronomes, entre outros, o que confirma a influência da tipologia lingüística sobre a incidência de um grau maior ou menor de literalidade.

Os casos de transposição distribuem-se em 21,35% do total geral em *Sagarana*, com 427 ocorrências, e em 20,2% em *Macunaíma*, com 104 ocorrências, cuja diferença, 1,15%, não é significativa neste caso. Também a tipologia lingüística marca presença na expressividade dessa modalidade em *Macunaíma*: a maioria das mudanças de ordem, de categoria ou de número de palavras verificadas deveu-se à natureza das regras das línguas envolvidas, que conduz sempre, apesar do aspecto inventivo da tradução, à transposição obrigatória (como no caso da negação – “não” / *ne...pas*; da contração dos artigos com preposições – “do” / *de l’*; do sujeito marcado ou não marcado – “era” / *c’était*), havendo também algumas mudanças facultativas (como na seguinte mudança de ordem e, conseqüentemente, de função: “Foi o Araguaia que facilitou-lhes **a viagem**” / “... *et grâce à l’Aragouaia le voyage fut sans histoire*”).

À diferença dos trechos de *Sagarana*, nos quais a ocorrência das modalidades implicitação e explicitação é rara, contando com menos de 1% do total, em *Macunaíma* elas são mais recorrentes: 33 casos de explicitação (1,65%) e 59 de implicitação (2,95%). Frente aos números das outras modalidades, no entanto, esses resultados não são muito significativos e, em sua maioria, servem para evitar ambigüidades ou estranhamentos na língua de chegada:

- (4) (a) O par de nuas executava um jongo improvisado... (p. 49)
 (b) Les deux femmes nues exécutaient un jongo improvisé... (p. 89)

- (5) (a) Enfiou uma perna do rapaz na orelha direita, a outra na esquerda... (p. 104)
 (b) Il enfila une jambe du jeune homme dans l'oreille droite, l'autre jambe dans l'oreille gauche... (p. 177)
- (6) (a) O povo se retirou comovido, feliz no coração cheio de explicações cheio das estrelas vivas. (p. 73)
 (b) Le populo se retira tout ému et heureux, le coeur empli des explications de Macounaïma et empli d'étoiles vivantes. (p. 126)

Em (4b), a utilização possível *la paire de nues* ou *les deux nues* em lugar de *deux femmes nues* talvez conduzisse o leitor francófono a um estranhamento similar ao que é submetido o leitor brasileiro em (4a), uma vez que *paire* associa-se frequentemente a nomes inanimados (*une paire de chaussures, une paire de jumelles, une paire de ciseaux*, por exemplo) e *nu*, por um lado, na qualidade de qualificador, costuma acompanhar um substantivo (*des femmes nues, des célébrités nues*, por exemplo). Porém, como nome feminino, *nue* seria lido como “nuvem” (registro literário) pelo leitor francófono. A nosso ver, foi para evitar essa leitura, ainda mais que ambigüidades ou ausência de sentido, que o tradutor naturalizou o estranhamento. Em (5b) Thiériot evita uma confusão entre direita e esquerda e entre uma e outra ao explicitar *jambe* e *oreille*. Tal evitação verifica-se também em (6b), quando o tradutor explicita o autor das explicações em questão.

Embora algumas lexias culturalmente marcadas tenham sido implicitadas (“a **cunhã** virgem” – *la vierge*), as implicações são mais estilísticas que propriamente relacionadas à tipologia das línguas ou às dificuldades culturais. Em geral, evitam redundâncias que não interferem na compreensão do texto nem na estruturação semântica da obra, como podemos verificar a seguir:

- (7) (a) ... a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaïma. (p. 9)
 (b) ... l'Indienne tapanioumas mit bas un vilain enfant. Celui-là qu'on appelle Macounaïma. (p. 23)

Como a palavra *enfant* já aparecia no enunciado imediatamente anterior em (7b) e como a repetição não mostrou ser um artifício signifiante, o tradutor preferiu não a repetir como faz o autor com a palavra “criança” em (7a), utilizando para tal o pronome *celui-là*.

No caso da modulação, temos 22,65% do total em *Sagarana* e, um pouco mais numerosas, 28,15% das ocorrências em *Macunaíma*. Ainda que exista uma margem de 5,5% de diferença entre os trechos analisados das duas obras, pode-se dizer que, tanto em uma como em outra, a modulação é muito significativa. Vale notar também a alta frequência de modulação pela ocorrência marcante do hibridismo transposição + modulação ([5+7]), já que muitas vezes a modulação vem acompanhada de rearranjos lexicais ou sintáticos. Esse fato colaborou para um aumento expressivo dos casos de modulação, já que o hibridismo mencionado foi computado posteriormente, conforme as regras do modelo (cf. Aubert, 1998), na contagem final. Em *Macunaíma*, a modulação aparece em coloridas faces como o verdadeiro contraponto da tradução literal. Sua diversidade é marcante, podendo apresentar recortes semânticos diferenciados (“mato” – *forêt*), registros diferentes (“[ela] pariu...” – [elle] *mit bas...*), imagens diversificadas (“Estavam pensando muita sede...” – “*Ils suaient à grosses gouttes...*”). Mas, em geral, os casos verificados concernem a mudanças de ponto de vista:

- (8) (a) Macunaíma vinha com os dois manos para São Paulo.
(p. 29)
(b) Macounaíma et ses deux frères allaient à São Paulo...
(p. 57)

(8a) e (8b) marcam pontos de vista aspectuais distintos em “vinha” e *allaient*: em (8a), o enunciador ocupa um espaço distinto do espaço do sujeito do enunciado e do complemento do sujeito (Macunaíma, sujeito, e os manos, complemento, não estão em São Paulo; o enunciador encontra-se, mesmo que virtualmente, em São Paulo); em (8b), esses espaços coincidem (tanto Macunaíma quanto os manos e o enunciador encontram-se em um espaço que não é São Paulo). Note-se que em (8a) nada

garante que Macunaíma e os “manos” estejam num mesmo lugar, assim como em (8b) na relação entre enunciador e os dois núcleos do sujeito. Além disso, a função instrumental de “os dois manos” em (8a) desloca-se para a de sujeito em (8b). Acrescente-se ao comentário anterior o aspecto de que, em (8a), os indetermina a relação de posse entre Macunaíma e “manos” (de quem são “os manos?”), a qual é determinada em (8b). Ainda nessas seqüências, “manos” apresenta um valor semântico diferenciado de *frères*: enquanto um pertence ao registro coloquial, o outro é do registro padrão.

A freqüência total de adaptação é surpreendentemente baixa nos trechos das duas obras analisadas (28 ocorrências ou 1,4% em *Sagarana* e 42 ocorrências ou 2,1% em *Macunaíma*), uma vez que textos culturalmente marcados costumam conter muitos termos que se referem a uma realidade cultural singular, gerando a expectativa de uma alta freqüência de adaptações. Não foi, porém, o que se observou. Apesar da evitação da modalidade da adaptação, citamos abaixo um caso interessante que, sem ser um fato isolado, demonstra quão intensa é a criatividade do tradutor da obra de Mário de Andrade:

- (9) (a) E eram muitos mosquitos piuns maruins arurus tatuquiras muriçocas meruzanhas marigüis borrachudos varejas, toda essa mosquitada. (p. 14)
- (b) Et il y avait de quoi faire avec ces myriades de moustiques. Et velus goulus ventrus poilus pointus mafflus pansus dodus joufflus, bref toute cette mousticaille! (p. 30)

Em vez de tentar encontrar lexias em francês que pudessem funcionar como adaptações dos diferentes tipos de mosquitos brasileiros, o tradutor optou por enumerar possíveis características diferenciadoras: peludos, barrigudos, pontudos, entre outros. Além disso, não deixou de lado uma característica modernista marcante nesse trecho: a falta de pontuação na enumeração, a qual, além de subverter as regras da língua portuguesa, ainda coloca em relevo a variedade e a quantidade de mosquitos (“muitos mosquitos” e “toda essa mosquitada”, *myriades de moustiques* e *toute cette mousticaille*).

Com respeito à modalidade erro, temos quase o triplo de ocorrências em *Macunaíma* com relação a *Sagarana*, 8 ocorrências ou 0,4% do total e 3 ocorrências ou 0,15% do total, respectivamente. Ainda assim, podemos dizer que a frequência dessa modalidade é baixíssima e não representativa. Em *Macunaíma*, os erros estão relacionados a sutis aspectos lingüístico-culturais:

- (10) (a) Saci inda pára neste mundo espalhando fogueira e trançando crina de bagual ... (p. 133)
 (b) Saci est encore de ce monde: il allume ses feux-follets partout et coupe la crinière des chevaux... (p. 222)
- (11) (a) No outro dia de manhã nem bem Macunaíma abriu a janela, enxergou um passarinho verde. O herói ficou satisfeitíssimo... (p. 99)
 (b) Le lendemain de bon matin, dès que Macounaíma ouvrit sa fenêtre, il aperçut un oiseau vert. Notre héros en fut satisfait au plus haut point... (p. 169)

A propósito de (10), pode-se dizer que a relação entre “Saci” e “crina de cavalo” é automaticamente construída no universo lingüístico-cultural brasileiro pelo relator “trançar”; causa efetivamente estranhamento a tradução desse verbo por *couper* (“cortar”).⁵ Em (11), a satisfação do herói, além de ser posterior com relação à posição que ocupa na seqüência e também ao que viu pela janela, é conseqüência direta de Macunaíma “ter visto passarinho verde”, expressão relacionada a uma intensa alegria que não se explica. Mário de Andrade brinca com o padrão cristalizado da expressão ao trocar “ver” por “enxergar” e ao inserir o artigo indefinido antes do nome, dando ao leitor a impressão de visão real do objeto. Essas relações não são aparentemente percebidas pelo tradutor, que as traduz literalmente.

⁵ Talvez a tradução de “trançar” por *couper* seja o resultado inconsciente da relação de conseqüência presente na memória coletiva da cultura francófona sobre um personagem chamado de *follet*, *fadet* ou *farfadet*, o qual, como amante da equitação, rouba cavalos para cavalgar e, como marca de sua passagem, deixa nós nas crinas dos cavalos. Na impossibilidade de desembaraçá-las, o dono do animal acaba por cortá-las. Se tal relação fosse confirmada, talvez a lexia *couper* pudesse ser classificada como uma adaptação.

3. Retorno à questão inicial

Ao analisar mais de perto os resultados colhidos, observamos que o argumento estratégico, classificado por modalidades, que estabelece a relação entre o original de Mário de Andrade e a tradução de Jacques Thiériot, pode ser predominantemente estilístico ou predominantemente cultural. Considerando os casos de omissão, empréstimo, decalque e adaptação observados, pudemos perceber que dependem dessa predominância as relações de distanciamento ou proximidade marcadas pelas modalidades. Assim, nas relações entre (2a) e (2b), (3a) e (3b), há uma omissão especificamente cultural pelo viés sintático-lexical que naturaliza um texto no outro, distanciando-os. Já a relação de omissão construída entre (1a) e (1b) é predominantemente estilística, não implicando distanciamento. Os empréstimos e decalques observados, por sua vez, têm como função, do ponto de vista cultural, registrar a indizibilidade de algumas lexias no contexto lingüístico-cultural francês e conferir à obra traduzida um toque exótico pela remissão a referencialidades longínquas, o que parece também distanciar os textos. Do ponto de vista estilístico, no entanto, essas estratégias aproximam os textos, uma vez que trazem para o co(n)texto- meta algo que é da ordem do novo (a pretensa “língua brasileira” de Mário de Andrade estaria representada numa língua francesa diferente, salpicada de novas e estranhas lexias) ou da ordem do particular (o regionalismo de *Sagarana* far-se-ia presente do outro lado). Nesse sentido, o decalque é particularmente interessante quando utilizado pelo tradutor para dar conta do fenômeno da ditongação e da nasalização presentes nos substantivos brasileiros, nomes próprios ou comuns, conferindo ao texto em francês um efeito bastante singular de entrelaçamento da especificidade cultural dos termos brasileiros com as regras gráfico-morfológicas, não menos específicas, da língua francesa. Com relação à adaptação, pode-se dizer que o tradutor preferiu utilizar outras estratégias que não essa para dar conta do fenômeno cultural, como a explicitação e a modulação.⁶ De todo modo, a adaptação demons-

⁶ Em *Macunaíma*, por exemplo, as explicitações servem, entre outros, para evitar adaptações de termos específicos brasileiros, podendo ser cur-

trou ser um caso à parte, já que de ambos os pontos de vista essa estratégia parece naturalizar um texto no outro, aproximando-os: na relação entre (9a) e (9b), por exemplo, observam-se duas organizações textuais semelhantes do ponto de vista estilístico e, do ponto de vista cultural, referencialidades ancoradas na cultura-meta, sem remissão ao exótico.

De uma forma geral, podemos aventar a existência de uma distribuição diferenciada de modalidades, que revela relações diversas de proximidade ou distanciamento se o ponto de vista da observação for cultural. Assim, do ponto de vista estilístico da relação entre línguas e tradução, por exemplo, o empréstimo aproximaria lingüisticamente os textos por não requerer manipulações textuais por parte do tradutor, que apenas reproduz a seqüência textual do original na tradução (conforme prevê o modelo de Aubert, 1998); do ponto de vista da relação entre tradução e cultura, no entanto, o empréstimo seria um indício distanciador, já que exotiza o texto traduzido.

Numa abordagem preliminar desse novo ponto de vista para o trabalho de classificação das modalidades, proporíamos distribuir as modalidades segundo o modelo de Aubert de 1998 da seguinte maneira:⁷

Tradução e línguas		Tradução e cultura	
Proximidade	Distanciamento	Proximidade	Distanciamento
Omissão	Explicitação	Transcrição	Omissão
Transcrição	Implicação	Tradução literal	Empréstimo
Empréstimo	Modulação	Transposição	Decalque
Decalque	Adaptação (?)	Explicitação	Implicação
Tradução literal	Erro	Modulação	Erro
Transposição		Adaptação	

Na remodelagem mais recente de seu modelo, Aubert (2006) propõe que as modalidades sejam redistribuídas em grandes classes:

tas (“saúvas” – *fourmis saouvas*) ou longas (remissão a um glossário explicativo de termos brasileiros no final do volume).

⁷ Note-se nesse quadro que o lugar da adaptação ainda não se apresenta claramente, o que indicamos pela inserção de um ponto de interrogação.

Omissão (casos de omissão)
Espelhamento (casos de empréstimo e de decalque)
Literalidade (casos de transcrição, de tradução palavra por palavra, de transposição e de explicitação)
Equivalência (casos de implicitação, de modulação e de adaptação)
Tradução intersemiótica (casos de tradução intersemiótica)
Erro (casos de erro)

Nessa nova abordagem, com exceção da tradução intersemiótica (da qual não tratamos neste artigo), não saberíamos ainda como resolver a relação de proximidade ou distanciamento do ponto de vista cultural para a implicitação (o que indicamos pela inserção de um ponto de interrogação), como podemos observar abaixo:

Tradução e cultura	
Proximidade	Distanciamento
Literalidade	Omissão
Equivalência – implicitação (?)	Espelhamento Erro

Para obter uma resposta mais acurada a essa questão e sobre os outros aspectos anteriormente aventados, novas análises de outras obras e de outros pares lingüísticos necessitam ser realizadas. Estando a questão da relação entre modalidades, línguas, culturas, proximidade e distanciamento textual mais amplamente discutida, mais respostas serão encontradas. Além disso, observadas do ponto de vista da relação entre tradução e cultura, talvez as modalidades tradutórias possam servir como uma ferramenta de análise a mais para se observar lingüisticamente a relação de identidade trabalhada por Venuti entre nação tradutora e traduzida estabelecida pela tradução, ou para se verificar o grau de etnocentrismo de uma tradução ou de uma retradução segundo Berman.

4. Agradecimentos

Ao Professor Francis Henrik Aubert, supervisor de meu projeto de pós-doutorado, pelas preciosas sugestões e proveitosas discussões durante a elaboração deste artigo.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Mário de. (1978) *Macunaíma*: o herói sem nenhum caráter. 16. ed. São Paulo: Martins.
- _____. (1996) *Macounaïma*: le héros sans aucun caractère. Trans. by Jacques Thiériot. Paris: Stock.
- AUBERT, Francis Henrik. (2006) Em busca das refrações na literatura brasileira traduzida – revendo a ferramenta de análise. In: *Literatura e Sociedade*. (no prelo)
- _____. (2003) Traduzindo as diferenças extralingüísticas – procedimentos e condicionantes. In: *TradTerm* (São Paulo) 9, p. 151-172.
- _____. (1998) Modalidades de tradução: teoria e resultados. In: *TradTerm*, São Paulo, n. 1 (ano 5), p. 99-128, 1sem.
- _____; Zavaglia, Adriana. (2003) Reflexos e refrações da alteridade na literatura brasileira traduzida (1): as versões de *Sagarana* para o francês e para o norueguês. In: *TradTerm* (São Paulo) 9, p. 173-18.
- BERMAN, Antoine. (1985) L'auberge du lointain. In: _____ (éd.) *Sur les tours de Babel*. Mauvezin: TER.
- CULIOLI, Antoine. (2000) *Pour une linguistique de l'énonciation*: opérations et représentations. 2. ed. rev. Paris: Ophrys, v. 1.
- ROSA, João Guimarães. (1968) *Sagarana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- _____. (1997) *Sagarana*. Tradução de Jacques Thiériot. Paris: Albin Michel. (Les Grandes Traductions Albin Michel / Centre National du Livre)
- TORRES, Marie-Hélène Catherine. (2003) Panorama du marché éditorial français : les traductions, retraductions, rééditions et adaptations françaises de la littérature brésilienne. In: *Cadernos de tradução*, 11/1, p. 229-250.
- VINAY, Jean-Pierre & Darbelnet, Jean. (1977) *Stylistique comparée du français et de l'anglais: méthode de traduction*. 2. ed. rev. Paris: Didier.
- VENUTI, Lawrence. (2002) A formação de identidades culturais. In: _____. *Escândalos da tradução*. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéa Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo. EDUSC: Bauru.